



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

Roberto está aqui

Erasmão Carlos voltou a despertar atenção por causa da canção *É preciso dar um jeito, meu amigo*, parceria com Roberto Carlos, perfeita no alvo, no ponto de vista e no tom para a trilha sonora de *Ainda estou aqui*, filme que tocou no coração de milhares de pessoas pelo mundo com a luz humanista de Walter Salles. Se tivesse encomendado uma trilha, ela não sairia tão perfeita.

Traduz com precisão a dramaticidade da personagem Eunice Paiva, uma

mãe-coração serena, que enfrenta uma série de desafios para amparar a família devastada depois que o marido, Rubens Paiva, é retirado de casa, preso, torturado e morto pelo regime militar.

Embora tenha composto canções modernas e eternas, eu tinha a imagem de um Roberto Carlos alienado e alheio das questões sociais. Por isso, ele surpreendeu a mim e a todos quando, em 1971, período mais duro do regime militar, compôs, em parceria com Erasmão Carlos, *Embaixo dos caracóis dos seus cabelos*, pungente canção de exílio em homenagem a Caetano Veloso.

Certo dia, Roberto apareceu com a esposa, Nice, em Londres, na casa em que Caetano morava. Pediu um violão e cantou a música: *Você olha tudo e nada*

lhe faz ficar contente/Você só deseja agora voltar pra sua gente.

Chorei as tais lágrimas de esguicho de que falava Nelson Rodrigues quando ouvi a música. E absolvi Roberto de uma série de omissões e alienações. Caetano devolveu a gentileza com *Como dois e dois igual a cinco*, que expressava o sentimento de absurdo de ser apartado do país que amava. E, que por sinal, está também na trilha sonora de *Ainda estou aqui: Tudo vai mal, tudo/Tudo é igual quanto canto e sou mudou...*

Caetano Veloso fez *Força estranha*, uma das mais lindas canções dedicadas ao cantor capixaba. Em 1978, ele esbarrou em Roberto Carlos num corredor da Tevê Globo e cada um se admirou da jovialidade do outro, apesar

dos cabelos brancos. Roberto disse que os artistas vivem em outra dimensão do tempo. Foi o mote para *Força estranha: Eu vi os cabelos brancos na frente do artista, o tempo não para e, no entanto, ele nunca envelhece.../Por isso, esta força me leva a cantar/Por isso, esta força estranha no ar.*

Com o destaque do filme, Roberto Carlos concedeu uma rara entrevista ao jornal Extra, em que celebra a repercussão de *É preciso dar um jeito, meu amigo*, composta em 1971, no ápice dos chamados anos de chumbo do regime de exceção. Com a rebeldia ingênua da Jovem Guarda, Roberto e Erasmão nunca estiveram na mira da censura. Mas eles tinha o sentimento do mundo, diria Drummond.

Na citada entrevista, Roberto lembra que numa noite em que compunha com Erasmão, em determinado momento, começaram a falar de questões gerais do Brasil e ele comentou: é preciso dar um jeito, meu amigo. Erasmão replicou a frase, então Roberto sacou: "Isso pode ser tema de uma música. É preciso dar um jeito, meu amigo".

A melodia nasceu ali e a letra começou a se esboçar a partir do mote da conversa e ficou pronta em um novo encontro. De minha parte, foi muito bom saber que Roberto Carlos não se calou ante a violência. Fez uma manifestação elegante, corajosa e serena, que ecoou na voz de Eunice Paiva e reverberou pelo mundo com o sucesso de *Ainda estou aqui*.



Uma das vítimas dos tiros disparados pelo delegado Mikhail Rocha Menezes, em 16 de janeiro, a empregada doméstica recebeu alta, depois de mais de um mês no Hospital de Base. Apesar das dificuldades financeiras, ela mantém o otimismo

A perseverança e a fé de Oselina

» LETÍCIA GUEDES
» LARA PERPÉTUO

Éra manhã de quinta-feira, 16 de janeiro, quando a vida de Oselina Moura Neves de Oliveira, até então empregada doméstica na casa do delegado da Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF) Mikhail Rocha Menezes, sofreu uma reviravolta. Durante o expediente, na casa localizada em um condomínio no Setor Habitacional Tororó, o policial atirou contra a mulher, Andréa Rodrigues Machado, de 40 anos; e Oselina, 45. No mesmo dia, ele também atacou outra mulher, a enfermeira Priscilla Pessoa, 45, dentro de um hospital particular.

Oselina passou mais de um mês internada, principalmente na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Hospital de Base, para tratar os graves ferimentos. Esta semana, ela teve alta e recebeu o *Correio*, numa casa simples e bem organizada. Mesmo diante do tormento por que passou desde o dia da tragédia, Lika, como é chamada pelos mais próximos, não conteve a alegria que sentia por estar viva.

Ao lado da mãe, que veio do interior da Bahia para cuidar da filha depois do crime, Lika se mostra otimista, apesar das dificuldades físicas e financeiras que vem passando. "Olha, pessoal, eu já estou ficando de pé", fez questão de mostrar à equipe de reportagem ao se levantar da cama em que estava sentada.

"Eu voltei de lá diferente", disse Lika sobre o período em que passou no hospital e sobre o impacto que o acontecimento teve na própria fé. Evangélica, ela canta um louvor que descreve a recuperação que atravessa: "Eu quero ser um vaso novo, moldado pelo Senhor, com a mensagem de amor e esperança, aonde e para onde eu for". Ela diz que rezou bastante durante o período em que ficou internada e que sente, hoje, que a religião a preparou para a tragédia provocada pelo ódio de uma pessoa armada.

Antes do episódio, Lika praticava corrida diariamente, e acredita que a resistência obtida por meio da atividade física a ajun-

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Ao lado da mãe, Ana Moura, Oselina manifestou a alegria de voltar para casa e disse que considera a sobrevivência um milagre

Reprodução/TV Band



Mikhail ficou internado na ala psiquiátrica do Hospital de Base

dou a se recuperar. "Deus já estava preparando o meu físico", afirma. "Se, hoje, eu estou aqui de pé, é porque todos os dias Ele me jogava da cama para eu fazer 10km de caminhada."

É por meio da religião, também, que ela se reergue psicologicamente. Todos os dias, lê a Bíblia junto ao marido e considera a sobrevivência um milagre. Bem-humorada, demonstra

Ed Alves/CB/D.A.Press



O delegado também atirou em enfermeira de um hospital

felicidade por estar viva e gratidão pela equipe médica que a assistiu. "Eu falei para o meu esposo: 'Meu amor, eu vou sair daqui desse hospital (por causa de) todas essas pessoas'", relembra.

Lika diz que sentiu muita falta de casa quando estava internada e que às vezes chorava muito. Ficar longe dos três filhos, de 14, 18 e 22 anos, foi uma tristeza, ela conta, mas também era "uma

das melhores alegrias" quando eles a visitavam — principalmente o mais velho, com quem ela não falava mais e se reconciliou após a tragédia. O caçula estava na casa dos patrões no momento do crime.

Depois da volta ao lar, Oselina admira, pela janela do quarto, a "orquídea mais rara do mundo", que cultiva no quintal, e as flores do vestido com o qual um dos filhos a presenteou. Ela diz que, durante os 40 dias que passou internada, sentiu saudade da liberdade de poder ver as plantas e a casa, das quais cuida com tanto amor. "Quando eu sarar, eu vou fazer caminhada", planeja. Passear de carro e ir à igreja todos os dias também estão entre os planos.

O caso

O acusado, Mikhail Rocha, 46 anos, é delegado da PCDF e estava afastado das atividades por problemas de saúde mental à época do crime. Ele atirou contra Oselina e contra Andréa dentro de casa, diante do filho do casal, de 7 anos, e do filho mais novo da empregada, de 14, que a acompanhava no trabalho naquele dia. Após os disparos, Mikhail saiu de casa com o filho, que passava mal ao presenciar a tragédia, e tentou comprar um celular no shopping Gilberto Salomão. Depois, foi até o Hospital Brasília e exigiu atendimento para a criança, que vomitava sem parar. O delegado estava armado, ameaçou contar até cinco para receber atendimento, mas antes de finalizar a contagem atirou contra a enfermeira Priscilla Pessoa. As três mulheres sobreviveram aos disparos.

Mikhail Rocha foi capturado no mesmo dia do crime. Ele foi conduzido à Divisão de Controle e Custódia de Presos (DCCP), onde passou por uma triagem médica e foi encaminhado para a ala psiquiátrica do Hospital de Base, em que ficou internado por oito dias. A prisão em flagrante foi convertida em preventiva, e o delegado responde por três tentativas de feminicídio. Ele foi transferido para a carceragem da Polícia Civil, no Complexo da PCDF, onde aguarda transferência para o Complexo Penitenciário da Papuda.

Obitório

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.dfg@dabr.com.br

Sepultamentos em 26 de fevereiro de 2025

» Campo da Esperança

Adeilton Dias Soares, 64 anos
Agostinha Xavier Ramos de França, 90 anos
Benjamin Pestana Alves, menos de um ano
Bernadeth Cândida da Silva Freitas, 89 anos
Eber Marques Rio Lima, 46 anos
Efigênia Gomes Alves, 81 anos
Elenita Cruz Vaz, 82 anos
Genilda Pereira da Silva, 73 anos
Israel Gomes da Silva, 86 anos
Jorge Henrique Campos Romero, 62 anos

José de Ribamar Filho, 84 anos
José Paulo de Oliveira e Souza, 84 anos
Maria da Conceição Fernandes, 83 anos
Maria Quaresma da Cruz Pimentel Neto, 68 anos
Ronaldo Mendonça de Alcântara, 56 anos
Samuel Ananias Caruso, menos de um ano
Sinoeste Antônio Fraga, 73 anos
Wesley da Costa Oliveira, 30 anos
Zélia Maria Gomes Barreto, 86 anos

» Taguatinga

Ágata Almeida Furtado, menos de um ano
Brayan Henrique de Jesus, menos de um ano

Carlos Eduardo Soares de Sousa, 46 anos
Damiana de Santana Monteiro, 88 anos
Edimundo Paixão Borges, 90 anos
Geneci Pereira Amor, 73 anos
Gilson Alves Brandão, 60 anos
Jocelina Maria da Ilha Campos, 84 anos
José Amaral Corrêa Inocentes, 66 anos
José Medeiros, 77 anos
Luís Guillermo Silva Castro, 51 anos
Maria de Fátima dos Santos Silva, 66 anos
Maria Evarista, 88 anos
Maria Francisca Lacerda, 86 anos
Maria Irene Silva Freitas, 85 anos
Pedro Avelino Barreto, 97 anos
Raimunda Alves da Silva, 77 anos

» Gama

Dely Batista Figueredo Silva, 41 anos
Elisângela Ferreira Magalhães Silva, 53 anos
José Pereira da Silva, 76 anos
Maria do Carmo Gomes da Silveira, 78 anos

» Planaltina

Nayara Michnik Afonso, 36 anos

» Brazlândia

Cecília Umbelina Pereira, 83 anos
José Ferreira de Almeida, 85 anos

Paulo Fernandes da Silva, 65 anos
Raimunda Brito de Oliveira, 75 anos

» Sobradinho

Thaíse Santos Dourado, menos de um ano
Walter Carlos de Lima, 63 anos

» Jardim Metropolitano

Mateus Rodrigues Linhares, 28 anos
Flávia Ferreira da Silva, 94 anos
Cremações:
Maria Silveira Lima, 80 anos
Ivan de Carvalho Souza, 77 anos